

Nota de Abertura

É inegável o desenvolvimento que as ciências de gestão têm conhecido nos últimos anos, tanto em planos estritamente técnicos, como em planos mais relacionados com a dimensão psicossocial do indivíduo e do grupo, em contextos organizacionais.

Contudo, no terreno mais imediato das práticas organizacionais, se existe uma sensibilidade à actualização e treino de competências técnicas específicas, ela já é menos manifesta no que respeita à intervenção propriamente psicossocial. A essa menor sensibilidade, acrescenta-se a dificuldade em operacionalizar os conhecimentos fundamentais adquiridos e em traduzir para programas específicos aquilo que a investigação, em Psicologia das Organizações, tem vindo a revelar.

O resultado parece consistir numa excessiva restrição dos contributos da psicologia para a gestão efectiva e a actividade administrativa. O psicólogo, no quadro das organizações, vê-se encaminhado para uma acção, no essencial, de selecção, perdendo-se aquilo que, sem prejuízo daquela, poderia ser da sua parte, um contributo mais relevante e eficaz: intervenção a nível de treino de habilidades sociais e relações interpessoais, dos processos de decisão e liderança, de Job satisfaction, da mudança e agentes de mudança, da adaptação dos factores humanos a novas tecnologias, da ergonomia, do stress, etc.

É bastante claro que tal situação, negativa para a psicologia e para a própria organização onde trabalham, não é alterável de um momento para o outro. Mas também é evidente que já é possível identificar problemas e definir carências, mesmo com o apoio de outras experiências, mas sobretudo, não repetindo o Mesmo.

Ao elaborar este número, Análise Psicológica pretende aproximar-se um pouco mais de tais objectivos, apresentando trabalhos originais, inovadores, e cuja leitura se espera útil, directa ou indirectamente, para a própria actividade profissional. Preocupação esta tanto maior quanto a quase totalidade dos psicólogos de empresa, em Portugal, são diplomados pelo ISPA — insti-

tução que, nesta matéria como em outras, realizou desde longa data e continua a realizar, um trabalho pioneiro entre nós.

É de acentuar, ainda, que praticamente todos os colaboradores deste número ou são professores no ISPA ou pelo ISPA passaram no decorrer do actual ano lectivo, sendo por isso o que agora se publica uma continuação ou uma síntese do que nos seminários do Ciclo de Formação em Psicossociologia das Organizações se expôs e discutiu.

Resta reconhecer, finalmente, que entre a prática quotidiana de muita psicologia entre nós e o tipo de trabalhos agora apresentados há alguma distância — mas é necessário também sublinhar que a distância é condição de mudança, e que na distância apenas se reproduz o eco.

De qualquer modo, deixaremos a outros a positiva tarefa de medir distâncias preocupando-nos a nós essencialmente em as encurtar sempre que isso for de interesse para o desenvolvimento da Psicologia e para uma mais efectiva formação dos profissionais que a ela se dedicam.

FREDERICO PEREIRA/LUÍS RETO